

“Você confia nas urnas eletrônicas?”: Desinformação eleitoral como instrumento de cooptação para-institucional



“Você confia nas urnas eletrônicas?”: Desinformação eleitoral como instrumento de cooptação para-institucional

Do you trust in electronic voting machines? Electoral disinformation as an instrument of para-institutional co-option

Ergon Cugler de Moraes Silva*
Ana Gabrielle Neves de Oliveira**
Pablo Ortellado***

Recebido em: 30/7/2023

Aprovado em: 3/5/2024

Resumo

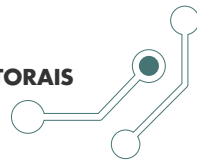
Embora tenha vencido as eleições de 2018, o Presidente Jair Bolsonaro questionou a confiabilidade das urnas eletrônicas durante todo o seu mandato. Com objetivo de observar potenciais relações entre a desinformação e as narrativas autocráticas, este artigo se propõe a investigar o caso brasileiro de críticas contra o processo eleitoral e as urnas eletrônicas. Foram analisadas as menções às urnas eletrônicas em publicações e discursos do presidente entre 2019 e 2022 e as comparamos com as principais notícias falsas sobre as urnas que foram difundidas no período. A partir de bases de dados contendo, de um lado, tuítes, discursos, entrevistas e *lives* do presidente e, de outro, notícias

* Graduado em Gestão de Políticas Públicas pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP); *Master of Business Administration* (MBA) em *Data Science & Analytics* pela USP/Esalq; e mestre em Administração Pública e Governo pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV EAESP). Atua como pesquisador do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). *E-mail*: contato@ergoncugler.com.

** Graduada em Administração Pública pelo Centro de Educação Superior da Foz do Itajaí da Universidade do Estado de Santa Catarina (Cesfi/Udesc) e mestranda em Administração pelo Centro de Ciências da Administração e Socioeconômicas da Udesc (Esag/Udesc). *E-mail*: ana.oliveira@edu.udesc.br.

*** Doutor em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH/USP); e professor do curso de Gestão de Políticas Públicas pela EACH/USP. *E-mail*: paort@usp.br.





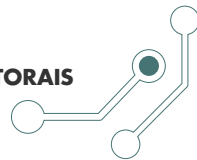
falsas sobre as urnas, identificamos 183 críticas de Bolsonaro às urnas e 270 notícias falsas sobre as urnas. Com tratamentos e análise qualitativa sobre a íntegra dos conteúdos, os dois conjuntos, o de manifestações do presidente e o de notícias falsas sobre as urnas, apresentaram grande semelhança.

Palavras-chave: desinformação; *fake news*; autocracia; eleições; urnas eletrônicas.

Abstract

Although he won the 2018 elections, President Jair Bolsonaro questioned the reliability of electronic voting machines throughout his entire term. Aiming to explore potential connections between disinformation and autocratic narratives, this article sought to investigate the Brazilian case of criticism against the electoral process and electronic voting machines. Mentions of electronic voting machines in the president's publications and speeches between 2019 and 2022 were analyzed and compared with the main false news about the machines that circulated during this period. Using databases that contained, on one hand, tweets, speeches, interviews, and live broadcasts by the president, and on the other, false news about the voting machines, we identified 183 criticisms by Bolsonaro towards the voting machines and 270 false news items about them. Through qualitative analysis of the full content, both datasets, the president's statements and the false news about the voting machines, showed significant similarity.

Keywords: disinformation; *fake news*; autocracy; elections; electronic voting machines.



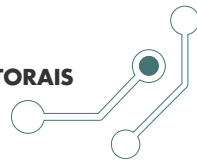
Introdução

As seguintes frases, publicadas nas redes sociais em 15 de novembro de 2019, foram ditas pelo então Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, um ano após a sua vitória por meio das mesmas urnas eletrônicas: “Você confia nas urnas eletrônicas? Podemos acreditar no resultado do primeiro turno de 2018? Como dirimir essas dúvidas?”.

O V-Dem (Coppedge *et al.*, 2021), instituto que elabora indicadores sobre a qualidade da democracia em diferentes países, apresenta, dentre suas métricas, uma para “perdedores de eleições que não aceitam os resultados”. Não há, no entanto, uma métrica para “vencedores de eleições que não aceitam os resultados”, talvez porque, além de peculiar, existem características na disputa sobre a confiabilidade das urnas eletrônicas no caso brasileiro que merecem atenção para relacionar duas agendas de pesquisa emergentes, sendo as de “governos autocráticos” e de “desinformação”.

Além de autores que apontam para a discussão sobre regimes democráticos (Dahl, 2005; Huntington, 1994), há aqueles que avançam para caracterizar “ondas autocráticas” e, mais especificamente, uma “terceira onda autocrática” (Alizada *et al.*, 2021; Lührmann; Lindberg, 2019; Lührmann; Tannenberg; Lindberg, 2018; Olson, 1991; Santos, 2022). Além disso, há literatura que aponta para o fenômeno da desinformação e das chamadas *fake news* em meio a disputas informacionais (Abad, 2018; Baptista; Barreto Junior & Venturini Junior, 2020; Gradim, 2020; Bessi *et al.*, 2016; Bertone, 2020; Bryanov; Vziatysheva, 2021; Damstra *et al.*, 2021; Di Domenico *et al.*, 2021; Fallis, 2015; Forster *et al.*, 2021; Marques Schaefer *et al.* 2019; Meneses, 2018; Morais *et al.* 2020; Nan; Wang; Thier, 2022; Rastogi; Bansal, 2022; Tandoc; Lim; Ling, 2018; Wardle; Derakhshan, 2017; Zattar, 2017). Há também estudos empíricos sobre críticas ao processo eleitoral brasileiro e às urnas eletrônicas (Dourado, 2021; Felix, 2022; Geronimo; Cerveró; Oliveira, 2022) que apontam para a necessidade de maior investigação, inclusive teórica, em torno de tal disputa informacional.





Com o objetivo de observar potenciais relações entre a desinformação e as narrativas autocráticas, este artigo se propõe a investigar o caso brasileiro de críticas contra o processo eleitoral e as urnas eletrônicas a partir da seguinte questão: “quais as características e as relações discursivas entre as manifestações do então Presidente Bolsonaro e as principais críticas às urnas eletrônicas entre 2019 e 2022?”.

Logo, busca-se observar se existem e como se dão relações discursivas entre as manifestações do então presidente contra urnas eletrônicas ao longo do mandato (2019-2022) e as principais *fake news* e disputas informacionais no debate público no mesmo período.

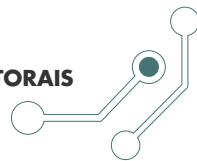
Neste artigo, discutimos teoricamente as “ondas autocráticas”, a “desinformação” e as “*fake news*”, que oferecem contexto para as críticas às urnas eletrônicas no Brasil. Em seguida, em materiais e métodos, detalham-se as etapas de extração de dados, além do seu tratamento e classificação. Em seguida, em resultados, é possível observar tanto a classificação temática manual proposta para críticas às urnas eletrônicas por parte do então Presidente Bolsonaro e relacionadas às notícias falsas quanto a classificação via Iramuteq, com análises de “Classificação Hierárquica Descendente (CHD)”, “Análise Fatorial de Correspondência (AFC)” e Análise de Similitude. Em discussões, aponta-se para a “desinformação eleitoral como instrumento de cooptação para-institucional” no Brasil, relacionando os dados coletados com episódios de críticas às urnas eletrônicas. Por fim, nas considerações finais, os pontos levantados no artigo são revisitados, e apresentamos propostas para pesquisas futuras.

1 Fundamentação teórica

1.1 Ondas autocráticas

Na literatura, a palavra democracia encontra uma vasta produção científica e permeia inúmeros conceitos. Com o intuito de desenhar breve histórico e adentrar nesse universo, adotamos o conceito de “onda autocrática”, como se mostra a seguir.





O conceito de “onda democrática”, em um primeiro momento, surge a partir do trabalho de Huntington (1994). O autor argumenta três momentos históricos principais em que regimes com características antidemocráticas passaram a uma espécie de democratização pelo mundo. A partir desse mesmo autor, o conceito de “onda reversa” ou “onda autocrática” surge como resposta à “onda democrática”, intercalando-se entre os momentos históricos com certa tendência global. Seguindo o conceito adotado por Huntington (1994), Lührmann *et al.* (2018; 2019) avança a discussão desenvolvendo tipologia de regimes, a partir do princípio de pluralismo eleitoral e abertura democrática (Quadro 1).

Quadro 1 – Classificação de regimes democráticos e autocráticos

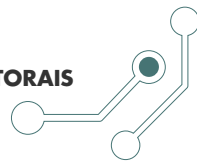
Autocracia fechada	Autocracia eleitoral	Democracia eleitoral	Democracia liberal
Sem Multipartidarismo “De Fato” Ou Eleições Livres E Justas Ou Pré-Requisitos Institucionais De Dahl Sem Serem Minimamente Cumpridos.		Há multipartidarismo “de fato” ou eleições livres e justas ou requisitos institucionais de Dahl sendo minimamente cumpridos.	
Não há eleições multipartidárias para o chefe do Executivo ou para o Legislativo.	Há reais eleições multipartidárias para o chefe do Executivo ou para o Legislativo.	Estado de Direito ou princípios liberais da democracia não são satisfeitos.	Estado de Direito ou princípios liberais da democracia são satisfeitos.

Fonte: Lührmann *et al.* (2018, p. 63), adaptado com tradução para o português.

A partir dessa tipologia, os autores propõem e embasam uma série de características que evidenciam uma terceira onda de autocratização atual, entre 1994 e 2017. Argumentamos que a erosão democrática causada pela terceira onda autocrática subsidia a discussão de desinformação eleitoral como instrumento de cooptação para-institucional deste trabalho.

Como aponta a literatura, a terceira onda autocrática global promove erosão democrática que ocorre de forma gradual, utilizando as próprias regras da democracia para enfraquecê-la e garantir o acesso legal ao poder, que, uma vez obtido, é subvertido de maneira autoritária (Santos, 2022; Lührmann;



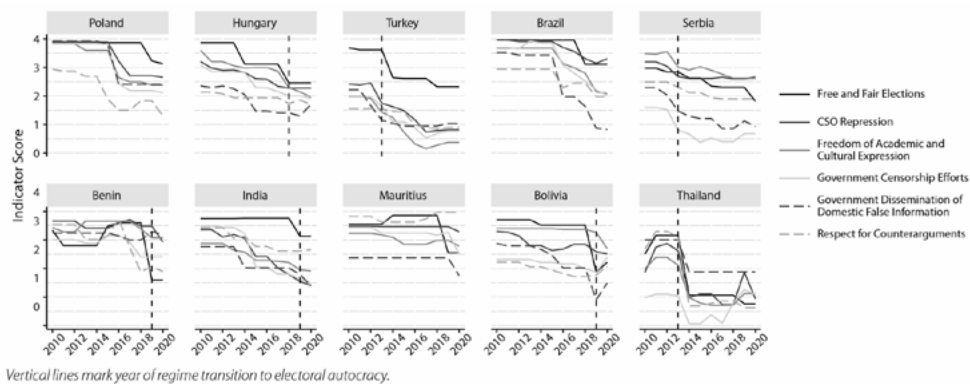


Lindberg, 2019). Esse processo de erosão democrática pode se manifestar por meio de disputas de informação e, muitas vezes, inclui questionamentos sobre os resultados das eleições.

Governantes autocratas procedem a um ataque aos *media*, à academia e à sociedade civil; em seguida, polarizam a sociedade, desqualificando os seus adversários e difundindo *fake news*; por fim, procedem ao “golpe final”, desvirtuam as eleições e as instituições democráticas (Santos, 2022, p. 8).

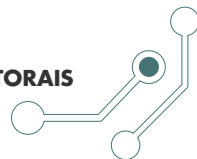
Por fim, entende-se que a literatura aponta para o processo de desinformação eleitoral como estratégia de tal erosão democrática, o que pode ser observado inclusive em países como o Brasil (Alizada *et al.*, 2021, p. 22) (Figura 1).

Figura 1 – Padrão autocratizante



Fonte: Alizada *et al.* (2021, p. 22).

Assim, destacam-se três reflexões trazidas pela literatura de autocracia para o processo de cooptação das instituições: 1) a concepção de “erosão democrática”, com gradativo desgaste institucional; 2) as “disputas discursivas e informacionais” como ferramenta de cooptação popular; e 3) o “papel dos governantes”, isto é, os líderes eleitos democraticamente, e não *outsiders*, no desgaste das instituições e da erosão democrática.



1.2 Desinformação e *fake news*

“Desinformação”, “*fake news*”, “pós-verdade” e diversos termos surgem em meio ao que pode ser ambientado como “desordem informacional” (Forster *et al.*, 2021). Diante de disputas conceituais, no entanto, Tandoc *et al.* (2018) realizam revisão em esforço de caracterização do fenômeno, apontando para falta de consenso da literatura internacional.

Ainda assim, Abad (2018, p. 21), em referência a Wardle e Derakhshan (2017, p. 5), sistematiza a desinformação a partir de três componentes: a) os “agentes” que produzem ou emitem; b) a “mensagem” elaborada por tais agentes; e c) os “intérpretes” vitimados por tal mensagem. Essa caracterização é importante, pois amplia as possibilidades de estudos para esses componentes.

Por exemplo, na ênfase dos agentes, Fallis (2015) posiciona a desinformação como: 1) informação; 2) informação enganosa; e 3) informação enganosa com objetivo de induzir ao erro. Logo, há intencionalidade de “desinformar”, conduzindo os “intérpretes” ao objetivo premeditado pelos “agentes”.

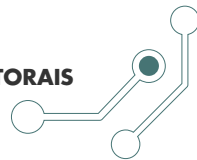
Assim, Zattar (2017, p. 288) aponta a desinformação como “[...] ações que procuram propositalmente falsificar uma informação com o objetivo de enganar as pessoas”, o que também nos leva a observar o componente da “mensagem”, a qual não necessariamente precisa ser falsa em sua totalidade, mas basta haver distorção de seu contexto.

Tal literatura dialoga, ainda, com a proposta de tipologia de Wardle e Derakhshan (2017, p. 5), que aponta para três variações da desordem informacional, caracterizadas por relações entre informações falsas e nocivas (Quadro 2).

Quadro 2 – Tipologia da desordem informacional

	Informação falsa	Informação não falsa
Informação nociva	<i>Disinformation</i>	<i>Malinformation</i>
Informação não nociva	<i>Misinformation</i>	–

Fonte: Wardle e Derakhshan (2017, p. 5), adaptado com tradução para o português.



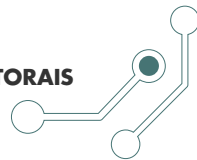
Além disso, diversos autores destacam como características individuais podem aumentar o impacto da desinformação. Entre essas características estão: “vieses de crença e de memória” (Di Domenico *et al.*, 2021), “viés partidário e orientação ideológica” (Damstra *et al.*, 2021), “viés de confirmação”, “dissonância cognitiva” e “processamento heurístico” (Forster *et al.*, 2021). Outros fatores importantes incluem o “nível de alfabetização informacional” (Bryanov; Vziatysheva, 2021), além de “conhecimento/habilidades”, “estilo de pensamento”, “confiança”, “emoções”, “valores” e “identidade do grupo” (Nan; Wang; Thier, 2022), por exemplo.

Bessi *et al.* (2016), no entanto, vai além e argumenta que a informação tende a criar tais “câmaras de eco”, em que, por exemplo, uma publicação com comentários apoiando o aludido conteúdo pode levar as pessoas a atribuírem a ela maior credibilidade, o que reforça ciclos de desinformação. Autores como Rastogi e Bansal (2022, p. 6) também aproximam reflexões para as chamadas “câmaras de eco”, caracterizando como “enviesados” ambientes como o “4chan’s/pol/board”, comunidade digital em que usuários publicam em anonimato e constroem a informação conforme dialogam sobre tal.

Autores ainda debatem características das chamadas *fake news* em esforço para caracterizá-las em meio à desinformação (Baptista & Gradim, 2020). Como não há consenso taxonômico (Tandoc *et al.*, 2018), utiliza-se da reflexão de Meneses (2018), que, apesar de considerar *fake news* como tipo de desinformação que se manifesta em ambiente digital, aponta-a como “instrumento ou arma política”, diferente do que poderia ser chamado de “*false news*”, semelhantes a “erros jornalísticos”, sem intencionalidade. Assim, este artigo faz menção às *fake news* como formato de desinformação, ainda havendo intencionalidade de seus “agentes” (Wardle e Derakhshan, 2017, p. 5).

Em síntese, três reflexões podem ser extraídas: 1) o componente da intencionalidade é central no debate da desinformação; 2) nem toda desordem informacional é necessariamente falsa, pois a informação pode ser tirada de contexto; e 3) a (des)informação interage em comunidades, tendo aspectos validadores que podem legitimá-las ou atribuí-las credibilidade, em “câmaras de eco”.



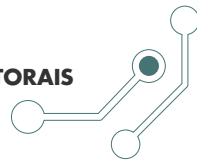


1.3 Críticas às urnas eletrônicas e ao processo eleitoral brasileiro

Uma série de autores analisam as eleições brasileiras e os impactos das chamadas *fake news* em meio ao debate público (Barreto Junior & Venturini Junior, 2020; Bertone, 2020; Marques Schaefer *et al.* 2019). No que diz respeito às críticas às urnas eletrônicas, alguns estudos se lançam ao caso brasileiro. A exemplo do trabalho de Félix (2022, p. 23), que aponta para as categorias do consórcio “Fato ou Boato” do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que reúne nove das principais agências de checagem do Brasil: 1) Agência Lupa; 2) Estadão Verifica; 3) AFP; 4) e-Farsas; 5) ComProva; 6) UOL Confere; 7) Aos Fatos; 8) Fato ou *Fake*; e 9) Boatos.org. Segundo a pesquisa, destacam-se manifestações falsas como: “a urna eletrônica não é segura”; “a urna eletrônica não é auditável”; “só o Brasil utiliza urna eletrônica”; “*softwares* maliciosos podem ser inseridos na urna eletrônica”; e “já foram comprovadas fraudes na urna eletrônica”.

Há também o estudo de Geronimo *et al.* (2022), que observa as “*fake news* no ambiente digital [como] um fenômeno mercadológico de narrativas populistas nas redes sociais”, apontando para informações descontextualizadas, informações fragmentadas e informações manipuladas a partir de raspagem de dados no X (antigo Twitter) e identificando cerca de duas mil notícias falsas sobre as urnas eletrônicas, diante de uma “limitação” das plataformas como o X em conter a disseminação de desinformação.

Dourado (2021, p. 117) realiza análise do panorama das peças de *fake news* sobre as eleições municipais de 2020 no Brasil, com foco nos atores e nas temáticas, apontando para 18 temas envolvendo a circulação de desinformação. São mais frequentes as categorias relacionadas à confiança nas eleições, “especificamente na ordem vulnerabilidade do sistema eleitoral e fraude nas urnas, regras e instruções eleitorais e manipulação/golpe eleitoral”. Em suma, há terreno fértil para investigação empírica e teórica em torno das desinformações sobre urnas eletrônicas (Felix, 2022; Geronimo; Cerveró; Oliveira, 2022).



2 Materiais e métodos

Para responder à questão sobre “quais as características e as relações discursivas entre as manifestações do então Presidente Bolsonaro e as principais críticas às urnas eletrônicas entre 2019 e 2022”, propõe-se relacionar os discursos de Bolsonaro sobre tal tema com as principais disputas informacionais verificadas pelas agências de verificação. Para isso, os procedimentos metodológicos estão organizados em três etapas: 1) extração de dados; 2) tratamento de dados; e 3) classificação de dados.

2.1 Extração dos dados

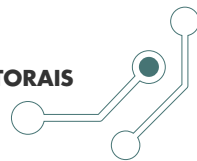
A partir das experiências observadas em estudos sobre críticas e ataques às urnas eletrônicas (Dourado, 2021; Felix, 2022; Geronimo; Cerveró; Oliveira, 2022), foram elencadas três potenciais bases de dados.

Duas bases são referentes às manifestações de Bolsonaro contra as urnas eletrônicas: 1) os *tweets* do perfil “@desbloqueandojb”, responsável por criar *backup* de todos os *tweets* de Bolsonaro durante a presidência (entre 2019 e 2022), organizado pelo jornalista Marlos Ápyus; e 2) a lista de manifestações total ou parcialmente falsas de Bolsonaro durante o mesmo período, checadas pela agência de verificação Aos Fatos.

Já para as principais notícias falsas sobre urnas eletrônicas: 3) a lista das principais notícias falsas relacionadas às eleições, checadas pelo consórcio Fato ou Boato, do TSE.

Para as três bases, foram realizadas raspagens de dados, *web scraping*, construindo automatizações em linguagem *python* e utilizando das bibliotecas: a) *time*; b) *requests*; c) “from” *bs4*, *BeautifulSoup*; d) “from” *google.colab*, *auth*; e) *gsread*; f) “from” *google.auth*, *default*; e g) *tweepy*, para compilar os achados. Ao total, foram retornados às bases 15.113 conteúdos, respectivamente: 1) 8.040 *tweets*; 2) 6.685 manifestações falsas; e 3) 388 notícias falsas. Na etapa seguinte, tais conteúdos foram filtrados para cumprir o objetivo de investigar apenas a temática do processo eleitoral.





2.2 Tratamento dos dados

Uma vez realizada a extração de conteúdos de forma sistemática, foi executada a filtragem para aqueles que continham em seu texto ao menos uma (booleano “/ou/”) das seguintes palavras-chave (e variações): a) “*fraud*” (e/ou/ado); b) “urna” (s) (eletrônicas); c) “voto” (s); d) “votação”; e) “auditável”; f) “*auditad*” (a/o); e g) “código” (s) (fonte), resultando em 932 conteúdos. Por fim, foi realizada segunda rodada de limpeza de dados, com verificação manual de cada um dos 932 achados, com o objetivo de manter apenas aqueles que se referissem diretamente às críticas contra o processo de votação e especificamente às urnas eletrônicas. Logo, no Quadro 3, é possível observar cada etapa.

Quadro 3 – Etapas de extração e filtragem das críticas contra urnas eletrônicas

Fontes / Etapas Método	Base extraída: <i>Web scraping</i>	1ª filtragem: Palavras-chave	2ª filtragem: Manual
1) @desbloqueandoJB	8.040 <i>tweets</i>	101 <i>tweets</i>	21 <i>tweets</i>
2) Aos Fatos	6.685 falas falsas	478 falas falsas	162 falas falsas
3) Fato ou Boato	388 notícias falsas	353 notícias falsas	270 notícias falsas
Total	15.113 conteúdos	932 conteúdos	453 conteúdos

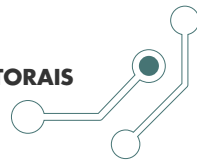
Fonte: elaboração própria (2024).

Com os dados devidamente tratados, o tópico a seguir descreve os procedimentos de classificação para posterior análise sobre a dinâmica discursiva.

2.3 Classificação dos dados

São propostas duas abordagens de classificação, pois realizar apenas uma análise de conteúdo por meio do Iramuteq poderia limitar a identificação de relações e agrupamentos, uma vez que muitas das manifestações observadas de críticas às urnas eletrônicas utilizavam palavras diferentes para mesmo contexto. Por exemplo, críticas ao “código-fonte” das urnas eletrônicas são,





por vezes, sinalizadas como “criptografia das urnas” e, por outras vezes, contidas em narrativa de que apenas os servidores do TSE teriam acesso à “programação” das urnas em “sala secreta” ou, ainda, em “sala-cofre”.

Nesse sentido, diante de ambiguidades, de variações de palavras e de contexto para um mesmo signo, não seria possível estabelecer todas as conexões necessárias apenas a partir de verbos comuns. Por outro lado, limitar-se apenas à classificação manual poderia deixar de revelar similitudes que o Iramuteq nos traz em segmentos de textos do *corpus* que dizem respeito aos elos entre esses segmentos. Assim, ambos procedimentos metodológicos são adotados para complementar as análises dos 453 conteúdos tratados.

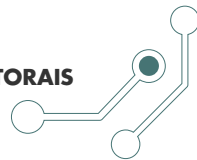
2.3.1 Método de classificação temática

Para a classificação temática manual, observa-se que o consórcio de agências de checagem Fato ou Boato (TSE) aponta (Felix, 2022) dez categorias de notícias falsas envolvendo urnas eletrônicas, que podem ser agregadas em cinco temas, como no Quadro 4.

Quadro 4 – Categorias de críticas contra urnas eletrônicas

Temas propostos (5)	Categorias nativas (10)
1) “A urna é vulnerável a fraudes.”	a) “A urna eletrônica não é segura”; b) “a urna eletrônica é vulnerável a ataques internos”; c) “a urna eletrônica é vulnerável a ataques externos pela internet”; d) “ <i>softwares</i> maliciosos podem ser inseridos na urna eletrônica”; e e) “já foram comprovadas fraudes na urna eletrônica”.
2) “A urna contém código-fonte secreto.”	f) “O código-fonte de votação não é aberto à comunidade.”
3) “A urna não é auditável.”	g) “A urna eletrônica não é auditável”; e h) “a urna eletrônica não permite a recontagem de votos”.
4) “A urna é projetada por empresas.”	i) “A urna eletrônica é projetada por empresas privadas.”
5) “A urna é desatualizada ou ultrapassada.”	j) “Só o Brasil utiliza urna eletrônica.”

Fonte: elaboração própria (2024) a partir de Felix (2022).



Dessa forma, é possível organizar os 453 conteúdos a partir dos cinco temas propostos.

2.3.2 Método de classificação via Iramuteq

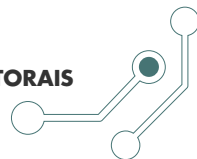
Uma série de autores apontam para a versatilidade do Iramuteq para investigação textual em pesquisas discursivas qualitativas (Camargo; Justo, 2013a, 2013b; Kami *et al.*, 2016; Ramos; Lima; Rosa, 2018; Souza *et al.*, 2018). Foram retornadas 9.178 ocorrências, além de 1.422 formas e 750 hepax, sendo formas ativas: “adjetivos”; “formas não reconhecidas”; “substantivos comuns”; e “verbos”.

Em referência às orientações de Camargo & Justo (2013a, 2013b) quanto às “possibilidades de análise de dados textuais no Iramuteq”, foram aplicadas as análises: 1) CHD, com via dendrograma para “obter classes de segmentos de texto que, ao mesmo tempo, apresentam vocabulário semelhante entre si, e vocabulário diferente dos segmentos de texto das outras classes”; 2) AFC com valores por padrão, que retorna a viabilidade de um “modelo de análise de contrastes das modalidades das variáveis e também a apresentação em plano fatorial”; e 3) Análise de Similitude, com “halo”, considerando apenas formas com frequência superior a $\left(\frac{\text{total de ocorrências}}{\text{total de formas}} \times 2 \right)$, para “identificar co-ocorrências entre as palavras e seu resultado traz indicações da conexão entre as palavras”.

3 Resultados

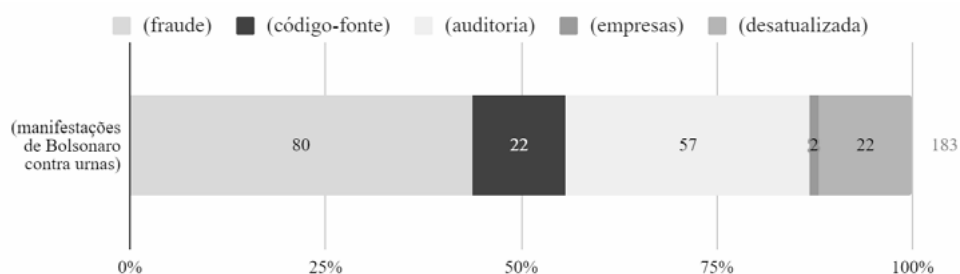
3.1 Críticas de Bolsonaro às urnas eletrônicas

Uma vez filtrados os conteúdos, foi possível identificar que o então Presidente Jair Messias Bolsonaro criticou as urnas eletrônicas ao menos 183 vezes (entre 2019 e 2022), tendo sido por meio de: 60 (32,79%) entrevistas; 32 (17,49%) discursos; 27 (14,75%) *lives*; 21 (11,48%) *tweets*; e 43 (23,50%) por outros formatos, como diálogos com apoiadores.



Segmentando as 183 críticas promovidas contra as urnas eletrônicas, foram identificadas 80 (43,72%) manifestações que acusam falsamente as urnas de serem suscetíveis a fraudes; 57 (31,15%) alegando que as urnas não são auditáveis nem permitem a recontagem dos votos; 22 (12,02%) que afirmam haver código-fonte operacionalizado em “sala secreta” e “escura”, acessada apenas por “poucos funcionários do TSE”, os quais decidiriam os resultados da eleição; 22 (12,02%) sustentando que “apenas o Brasil utiliza as urnas eletrônicas”, as quais estariam desatualizadas desde 1996; e, por fim, 2 (1,09%) sugerindo que as urnas são produzidas por empresas privadas. Em síntese, tais dados estão dispostos na Figura 2.

Figura 2 – Críticas de Bolsonaro às urnas eletrônicas



Fonte: elaboração própria (2024).

É interessante notar que, no que pese o discurso sobre fraude e sobre impossibilidade de auditoria das urnas ter dominado a narrativa, ainda assim o código-fonte teve frequência tão recorrente quanto a crítica de a urna estar supostamente desatualizada, demarcando como a crítica à tecnologia é central, em diversas frentes.

3.2 Principais notícias falsas contra as urnas eletrônicas

Quanto às notícias falsas checadas pelo consórcio Fato ou Boato, formado pelas nove principais agências de checagem do Brasil, foi possível identificar e classificar 270 notícias falsas que circularam criticando as urnas eletrônicas entre 2019 e 2022. Tais dados podem ser observados na Figura 3.



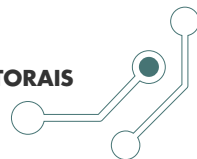
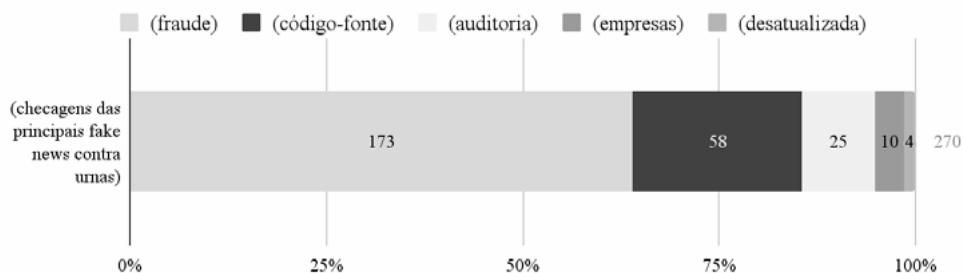


Figura 3 – Principais notícias falsas contra as urnas eletrônicas



Fonte: elaboração própria (2024).

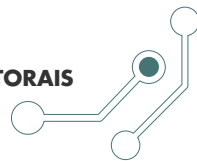
Detalhando tais notícias falsas, foram encontradas 173 (64,07%) alegando fraude nas urnas; 58 (21,48%) mencionando o “código-fonte” e reproduzindo a linguagem de Bolsonaro sobre uma “sala secreta”; 25 (9,26%) informando sobre a impossibilidade de se auditar as urnas; 10 (3,70%) sugerindo supostas empresas que teriam tido acesso ao “programa das urnas”; e, por fim, 4 (1,48%) apontando que apenas países “atrasados” estariam utilizando as urnas eletrônicas.

3.3 Comparativo temporal entre críticas de Bolsonaro e principais notícias falsas

Segundo os dados levantados, Bolsonaro realizou a maior parte de suas críticas contra urnas eletrônicas entre julho e agosto de 2021, com 80 críticas, o que representa 43,72% do total de quatro anos. Em segundo lugar, estão os meses de maio e junho de 2021, com 25 críticas, correspondendo a 13,66% do total de quatro anos.

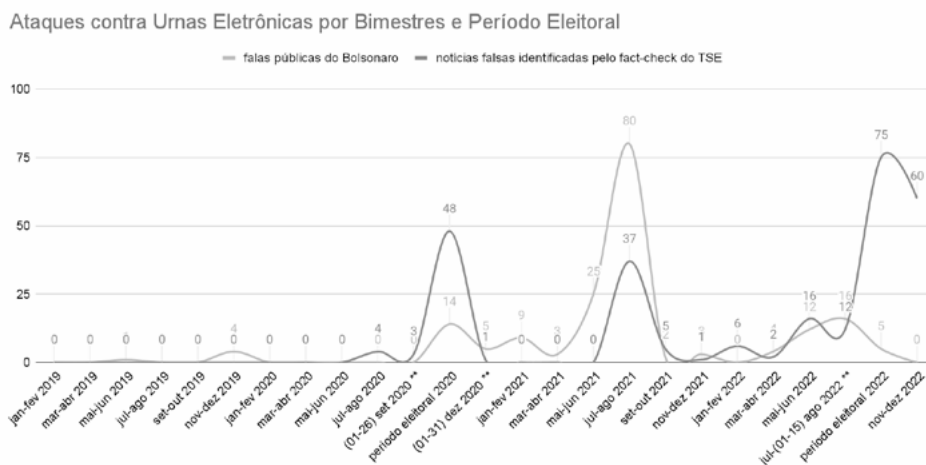
É importante destacar que, entre maio e agosto de 2021, ocorreram 105 críticas, o que representa 57,38% do total de quatro anos. Além disso, o TSE emitiu mais alertas sobre notícias falsas de alta circulação contra urnas eletrônicas entre setembro e outubro de 2022, com 71 alertas, o que equivale a 26,30% do total. Em segundo lugar, estão os meses de novembro e dezembro de 2022, com 60 alertas, correspondendo a 22,22% do total. Em 2020, o período com mais alertas emitidos pelo TSE foi novembro e dezembro, com 39 alertas, o que representa 14,44% do total.





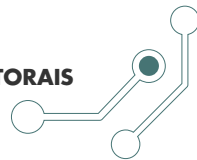
Os dados mostram ainda que o TSE emitiu 37 alertas, ou 13,70% do total, em julho e agosto de 2021, período que coincide com as maiores críticas de Bolsonaro contra urnas eletrônicas. Além disso, das notícias alertadas pelo TSE, apenas 45,56% se concentraram nos períodos eleitorais de 2020 e 2022, como mostra o gráfico disponível na Figura 4. Por outro lado, entre as críticas de Bolsonaro, apenas 10,38% se concentraram em períodos eleitorais de 2020 e 2022, também apresentados no mesmo gráfico (Figura 4).

Figura 4 – Desinformações ao longo do tempo



Fonte: elaboração própria (2024).

Esses dados sugerem que as críticas de Bolsonaro às urnas eletrônicas não se limitam aos períodos eleitorais, e que o TSE emite alertas sobre notícias falsas de alta circulação contra urnas eletrônicas em diferentes momentos. Além disso, em 2021, quando Bolsonaro lançou uma crítica às urnas eletrônicas, a quantidade de notícias falsas relatadas em circulação também teve pico considerável – mesmo fora do período eleitoral.



3.4 Características e relações discursivas

Este tópico aponta e relaciona as principais narrativas contrárias às urnas eletrônicas entre 2019 e 2022, as organizando a partir dos cinco temas de classificação propostos.

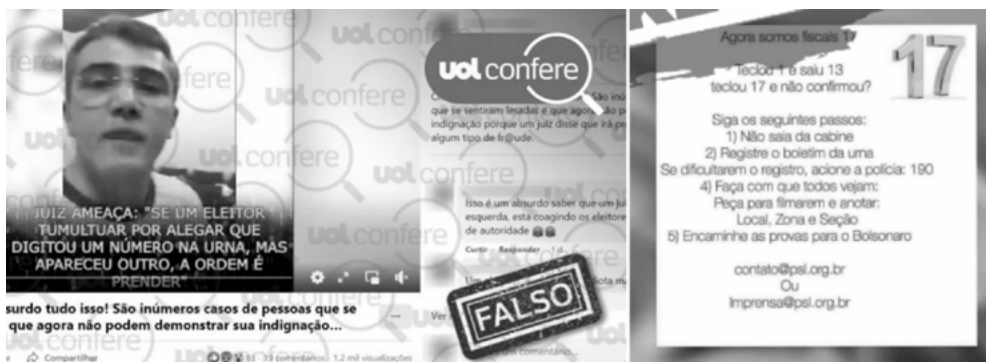
3.4.1 “A urna é vulnerável a fraudes”

Dentre os conteúdos observados, mais da metade (55,85%) foram críticas contra a integridade das urnas. Em uma das críticas, Bolsonaro repetiu por 21 vezes que, durante as eleições de 2018, eleitores estariam apertando “1” nas urnas e ela autocompletando o “3”, formando, assim, o “13” de seu adversário.

E outros [indícios de fraude] também de pessoas que, no dia das eleições, foram votar e o nome do seu candidato não apareceu na tela (Bolsonaro, em *live*: 29 jul. 2021).

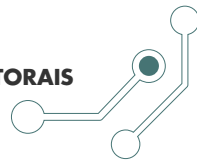
Em consonância, uma notícia falsa ganhou destaque em 27 de junho de 2022, acusando uma urna eletrônica que teria autocompletado votos em São Paulo (Figura 5).

Figura 5 – Desinformação sobre o segundo turno de 2018



Fonte: coleta a partir de materiais levantados (2023).

Em outro exemplo, Bolsonaro reproduziu, por 16 vezes, a falsa ideia de que as eleições de São Paulo seriam uma “evidência” de que as urnas eletrônicas seriam “manipuladas”;



Quem tem um pouco de matemática vê as eleições de SP capital agora. A máquina dá um pane com 0,39% dos votos apurados. Quando o sistema volta a funcionar poucas horas depois, dá o resultado final das eleições. Então exatamente aquele que estava em primeiro, segundo, terceiro e oitavo, exatamente na mesma ordem. Mas isso não é tudo não. Exatamente o mesmo percentual, desprezando as casas decimais (Bolsonaro, em diálogo com apoiadores: 3 ago. 2021).

A narrativa já havia circulado quase um ano antes, como vemos na Figura 6, em 16 de novembro de 2020, quando o TSE precisou trazer luz para esse conteúdo.

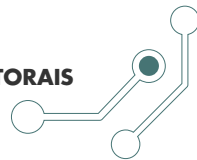
Figura 6 – Desinformação sobre o segundo turno de 2020



Fonte: coleta a partir de materiais levantados (2023).

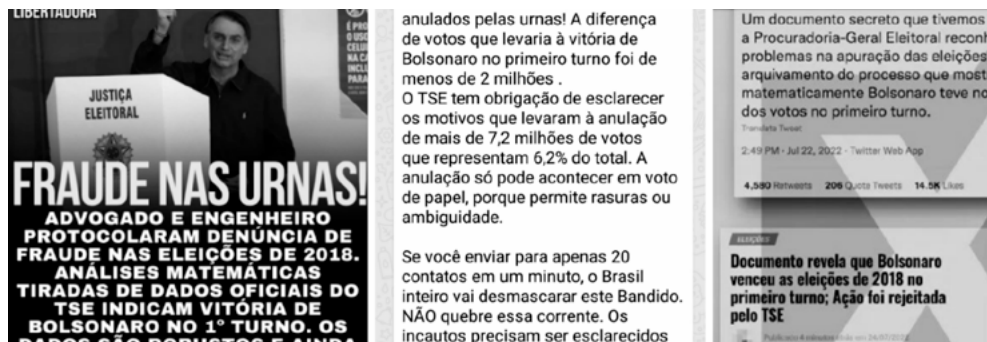
Outra manifestação falsa que também vale destacar é que, por 11 vezes, Bolsonaro afirmou que “deveria ter vencido as eleições ainda no primeiro turno em 2018” e só venceu no segundo turno, pois “teve muitos votos [além do apurado]”. Bolsonaro chegou a verbalizar que a “fraude” foi evidente.

Eu fui eleito no primeiro turno. Eu tenho provas materiais disso, mas o sistema, a fraude que existiu sim, me jogou para o segundo turno (Bolsonaro, em discurso: 9 jun. 2021).



Ainda em 4 de outubro de 2020, essa narrativa estaria sendo ventilada em redes sociais, como vemos na Figura 7, apontando supostas provas de que “a eleição presidencial de 2018 foi definida no primeiro turno”, na mesma linha do discurso de Bolsonaro.

Figura 7 – Desinformação sobre o primeiro turno de 2018



Fonte: coleta a partir de materiais levantados (2023).

Em outra desinformação, por 13 situações, Bolsonaro evocou supostas fraudes no segundo turno das eleições presidenciais de 2014, entre Aécio (PSDB) e Dilma (PT).

No segundo turno das eleições de 2014, foi Aécio e Dilma, onde essa pessoa fotografou minuto a minuto a chegada de votos aqui em Brasília [...] então uma vez dava Aécio ganhando, a segunda Dilma, a terceira Aécio, a quarta, Dilma, intercalando 231 vezes (Bolsonaro, em entrevista: 26 jul. 2021).

Para Bolsonaro, a oscilação do percentual dos resultados apurados seria indício de fraude nas urnas. Poucos dias antes, a alegação já estaria circulando nas redes sociais, como aponta a publicação de 8 de julho de 2021 na Figura 8.

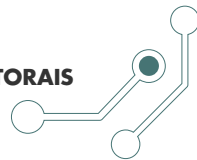


Figura 8 – Desinformação sobre o segundo turno de 2014



Fonte: coleta a partir de materiais levantados (2023).

Por fim, cabe apontar que, em nove ocasiões, Bolsonaro trouxe supostos casos em que as urnas eletrônicas teriam sofrido ataques de *hackers*, a exemplo das eleições de 2018, em Aperibé (RJ), com suposta auditoria que teria comprovado fraude.

Quando você fala em Aperibé, é Rio de Janeiro, uma pequena cidade do Rio de Janeiro. Quem disse que o pessoal invadiu lá e pode ter adulterado, alterado o placar de votação foi o próprio TSE (Bolsonaro, em entrevista: 9 ago. 2021).

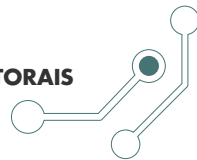
Tal narrativa de vulnerabilidade das urnas ganhou destaque ainda nas eleições municipais de 2020, em que publicações de 15 de novembro de 2020 desinformaram sobre suposto ataque *hacker* ao sistema eleitoral (Figura 9).

Figura 9 – Desinformação sobre o primeiro turno de 2020



Fonte: coleta a partir de materiais levantados (2023).





3.4.2 “A urna contém código-fonte secreto”

Referindo-se por 22 vezes a suposto código-fonte “manipulado” por poucos “técnicos”, Bolsonaro reforça a narrativa de uma “sala secreta” com “servidores” do TSE que deliberam os resultados das urnas eletrônicas.

A democracia de um país não pode estar nas mãos de uns poucos técnicos, que tenham acesso exclusivo ao “código fonte”, e às “chaves criptográficas”. Por que três ministros do STF rejeitam, com veemência, a possibilidade de eleições com auditoria nos votos? (Bolsonaro, em *tweet*: 11 jul. 2021).

Em 24 de novembro de 2022, tal narrativa estaria em circulação, questionando se Bolsonaro teria perdido as eleições por suposta “quebra de código-fonte”, além de outra notícia falsa divulgada na semana seguinte, em 1º de dezembro, insinuando que as eleições tiveram “dois códigos-fonte distintos” (Figura 10).

Figura 10 – Desinformação sobre o segundo turno de 2022

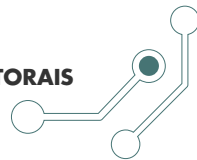


Fonte: coleta a partir de materiais levantados (2023).

3.4.3 “A urna não é auditável”

Tendo afirmado em 57 situações que as urnas eletrônicas não seriam auditáveis, Bolsonaro investiu na alternativa de “voto impresso”.

[...] o que a população tem reclamado [...] é que falta no Brasil uma forma de auditar os votos, para ter certeza de que quem você votou recebeu aquele voto (Bolsonaro, em diálogo com apoiadores: 16 nov. 2020).



Bolsonaro chegou a insinuar que o Brasil viveria cenário similar à invasão do Capitólio dos Estados Unidos, prevendo “problemas” caso os votos não fossem impressos.

Se nós não tivermos o voto impresso em 2022, uma maneira de auditar o voto, nós vamos ter problemas maiores que os dos Estados Unidos (Bolsonaro, em diálogo com apoiadores: 7 jan. 2021).

Sobre as notícias falsas, 25 apontam para inauditabilidade de votos, destacando uma de 12 de agosto de 2022, a qual contou com diversas versões de uma suposta ex-funcionária do TSE que estaria revelando que as urnas não seriam auditáveis, como vemos na Figura 11.

Figura 11 – Desinformação sobre auditoria das urnas eletrônicas

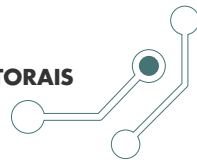


Fonte: coleta a partir de materiais levantados (2023).

3.4.4 “A urna é projetada por empresas”

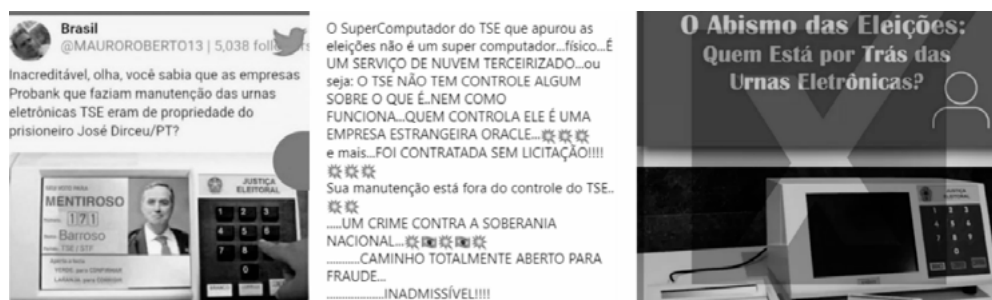
Bolsonaro reproduziu uma informação falsa sobre terceirização dos serviços das urnas eletrônicas por duas vezes.

Bem, não é o Tribunal Superior Eleitoral que conta os votos, é uma empresa terceirizada [...] o próprio ministro Barroso chama o chefe da TI e ele responde: os votos são contados por uma empresa terceirizada (Bolsonaro, em discurso: 18 jul. 2022).



Tal tema, no entanto, ganhou lastro em ao menos dez notícias falsas que circularam. Entre elas, em uma notícia falsa de 25 de novembro de 2020, em que um “supercomputador do TSE seria gerido por nuvem terceirizada”, e em outra, de 23 de setembro de 2022, que propagou informações sobre serviços terceirizados (Figura 12).

Figura 12 – Desinformação sobre custódia das urnas eletrônicas



Fonte: coleta a partir de materiais levantados (2023).

3.4.5 “A urna é desatualizada ou ultrapassada”

Em último tópico, Bolsonaro repetiu, por 22 vezes, o discurso de que as urnas eletrônicas estariam desatualizadas, já que “[...] a nossa urna é de 1996. Continua a mesma urna” e que apenas o Brasil a utiliza. Em algumas situações, chegou a mencionar que a Venezuela também faz uso.

Agora, qual país do mundo adota o voto eletrônico a exemplo do nosso? Não tem. Quer dizer, não tem não, tem a Venezuela e outro país perdido por aí (Bolsonaro, em *live*: 7 jan. 2022).

Em 2 de outubro de 2020, uma notícia falsa teria propagado que apenas Brasil, Cuba e Venezuela utilizavam as urnas eletrônicas. Em outra notícia falsa, de 9 de setembro de 2022, a acusação seria de que as eletrônicas estariam desatualizadas desde 1996, como vemos na Figura 13.

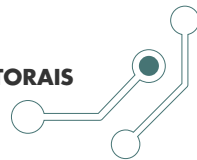
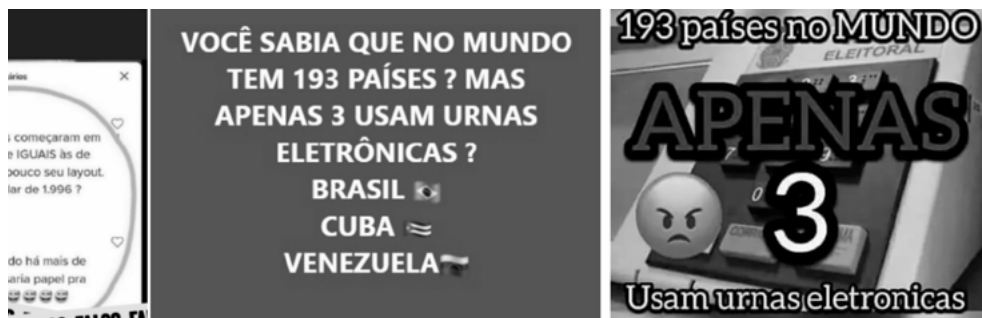


Figura 13 – Desinformação sobre desatualização das urnas eletrônicas



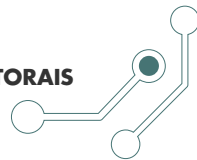
Fonte: coleta a partir de materiais levantados (2023).

3.5 Busca por classes e similitudes

A partir da análise de CHD via Iramuteq, é possível observar um filograma das palavras que “favorece a visualização do pesquisador das principais palavras que formam cada classe” (Ramos; Lima; Rosa, 2018, p. 6). Uma vez incorporado o *corpus*, foram encontradas quatro classes em que palavras no topo representam maior frequência.

Cabe observar que na Classe 1 há referência à pauta do “voto impresso”, em que o debate das urnas “não serem auditáveis” se relaciona com uma “proposta de emenda à Constituição”, além de menções ao “Supremo Tribunal Federal” e ao “Ministro Luís Roberto Barroso”, em críticas sustentadas pela desinformação de que o próprio Supremo teria confessado que as urnas não seriam auditáveis.

Na Classe 2, as supostas “denúncias” de fraude nas urnas eletrônicas fazem menção à desinformação de que elas estariam autocompletando os votos ao “candidato” à “Presidência” nas eleições de 2018 e que haveria um “relatório” expondo tal situação. Além disso, os “vídeos” que “eleitores” estariam divulgando estariam “comprovando” que muitos “votos” estavam sendo computados como “nulos”.

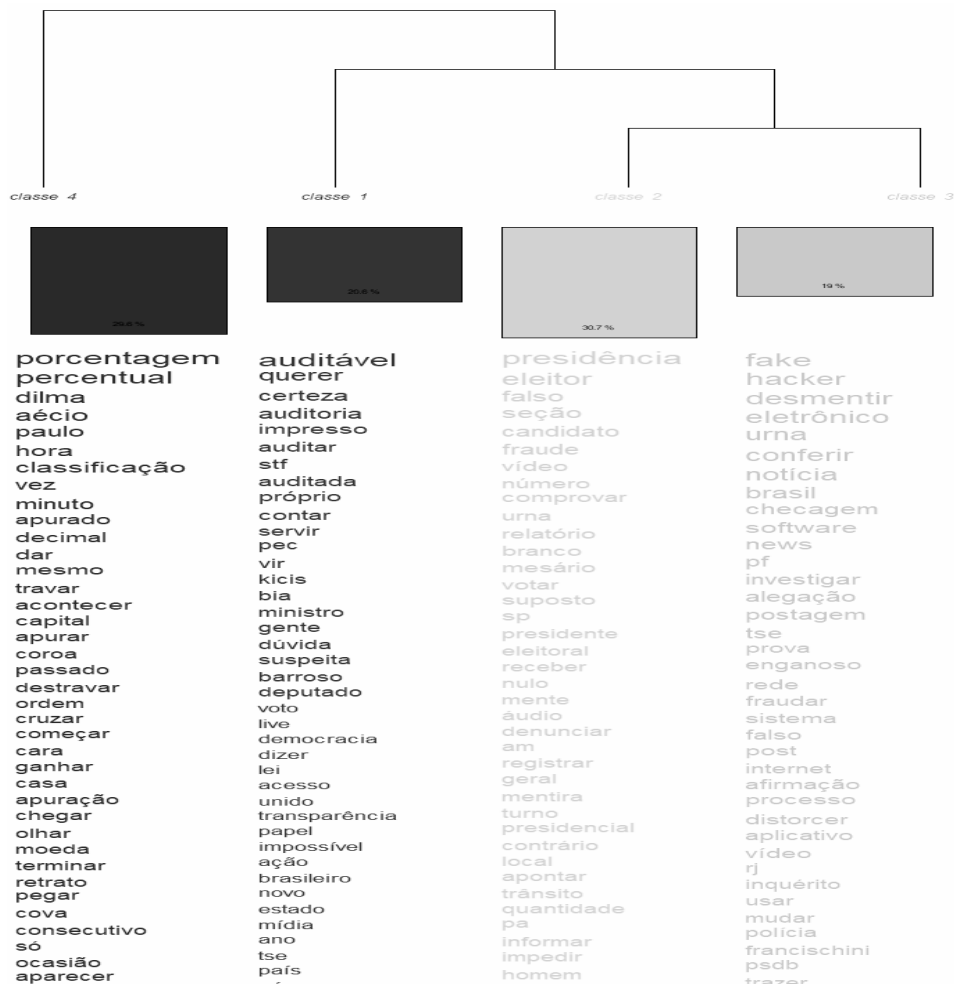


Quando observamos a Classe 3, dois debates são evidenciados: supostos ataques “*hackers*” que provariam a vulnerabilidade das urnas eletrônicas; e o debate sobre o código-fonte, aqui chamado de “*software*” e “*sistema*”.

Por fim, a Classe 4 expõe suposta inconsistência com “porcentagem” e “percentual” oscilando após “travar”, “minuto a minuto”, durante a apuração de “Dilma” e “Aécio”. Há menção à apuração de São Paulo, em que “decimal” aponta destaque em meio à “apuração”.

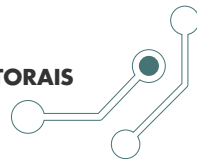
Em síntese, a Figura 14 materializa as classificações hierárquicas.

Figura 14 – Classificação Hierárquica Descendente (CHD)



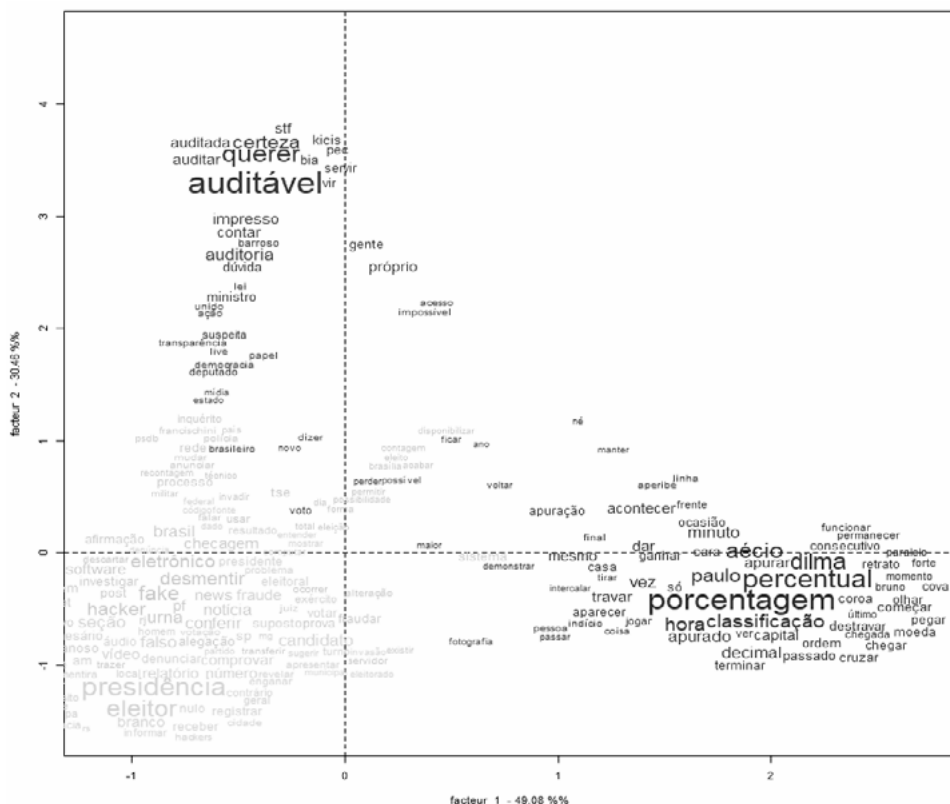
Fonte: elaboração própria (2024).





Além disso, vale observar a AFC na Figura 15, a qual organiza em quadrantes as ocorrências de formas, apontando conexões entre as classes 2 e 3.

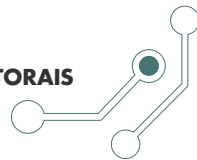
Figura 15 – Análise Fatorial de Correspondência (AFC)



Fonte: elaboração própria (2024).

Por fim, a Análise de Similitude aponta para seis “comunidades” em “halo”, em que: a) em amarelo, a apuração das urnas em 2014 com “Dilma e Aécio”; b) em vermelho, “eleição” aparece como elo em “fraude”, “auditoria” e “apuração”; c) em azul escuro, as urnas eletrônicas estariam autocompletando votos; d) em verde, menção aos “vídeos” gravados em “seções eleitorais”, em que as “urnas eletrônicas” estariam apresentando problemas; e) em lilás, a desinformação sobre as eleições paulistanas, em que o “percentual” estaria se mantendo o “mesmo”; f) por fim, em azul marinho, no elo central, a palavra





4 Desinformação como instrumento de “cooptação para-institucional”

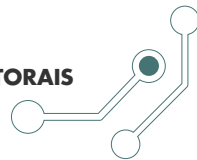
Quando observamos o caso brasileiro, evidencia-se a nítida relação entre as manifestações de Bolsonaro ao longo de 2019 e 2022 e as principais notícias falsas que circularam no mesmo período. Tal achado reforça as reflexões de Santos (2022, p. 8) e Alizada (2021, p. 22), os quais apontam que a “erosão democrática” (Lührmann; Lindberg, 2019) na terceira onda autocratizante é promovida por governantes eleitos e não necessariamente por *outsiders*.

Consequentemente, é possível questionar: tais críticas configuram uma investida “anti-instituições”? Com origem no idioma grego, o prefixo ἀντί (anti), porém, expressa uma ideia intrínseca de “oposição” ou “negação”. Contudo, não se trata de mobilização que intrinsecamente negue a hierarquia da instituição mobilizadora – no caso observado, a Presidência da República –, uma vez que seu ator mobilizador é legitimado exatamente por compor tal arranjo institucional.

Em outras palavras, ainda que outros atores do arranjo institucional sejam atacados, como os demais poderes, a dinâmica de mobilização observada demanda uma relação quase que parasitária com o fato de tal liderança autocrática dispor do aparato institucional, uma vez que tal disposição a provê de credibilidade e legitimidade institucional, discursiva e estrutural para mobilizar narrativas.

Nesse sentido, o prefixo ‘παρά’ (‘para’) surge de forma oportuna e é utilizado quando se deseja sinalizar que algo está “ao lado de” ou é “da parte de”. Assim, é possível caracterizar esse fenômeno como uma mobilização ‘para-institucional’, em que, apesar de ocorrer em paralelo às instituições, utiliza-se do fato de estar em posse das instituições para promover desinformação e, consequentemente, cooptar apoiadores. Aponta-se como esse movimento apresenta similaridade com aspectos de uma terceira onda autocrática, a qual dispensa rupturas bruscas e mobiliza “erosões democráticas” (Lührmann; Lindberg, 2019).





Outro possível questionamento seria: há causalidade entre as manifestações do então Presidente Bolsonaro e as notícias falsas propagadas? No entanto, a questão central está na dinâmica de “câmaras de eco” (Bessi *et al.*, 2016) e de “informação enviesada” (Rastogi; Bansal, 2022, p. 6), as quais não dependem de uma relação linear e causal, mas de uma dinâmica iterativa que constitui uma comunidade ao passo que coopta membros. Em outras palavras, basta aderir à mensagem propagada para que tal indivíduo se torne componente vivo da construção narrativa, produzindo “ecos” em meio às (des)informações “enviesadas”.

Esse fenômeno, que podemos aqui caracterizar como “cooptação para-institucional”, apenas emula a dinâmica de “ecos”, na medida em que o líder em posse das instituições a aparelha para potencializar narrativas. Em práxis, intérpretes de mensagens são cooptados para atuarem como replicadores, os quais, motivados pela comunidade, adaptam tal conteúdo para diferentes contextos, fenômeno inclusive reforçado diante das variações de notícias falsas encontradas a partir de disputas narrativas promovidas por Bolsonaro.

Para tal, o *framework* (Figura 17) busca sistematizar essa reflexão.

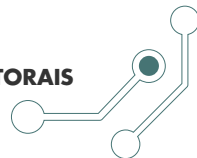
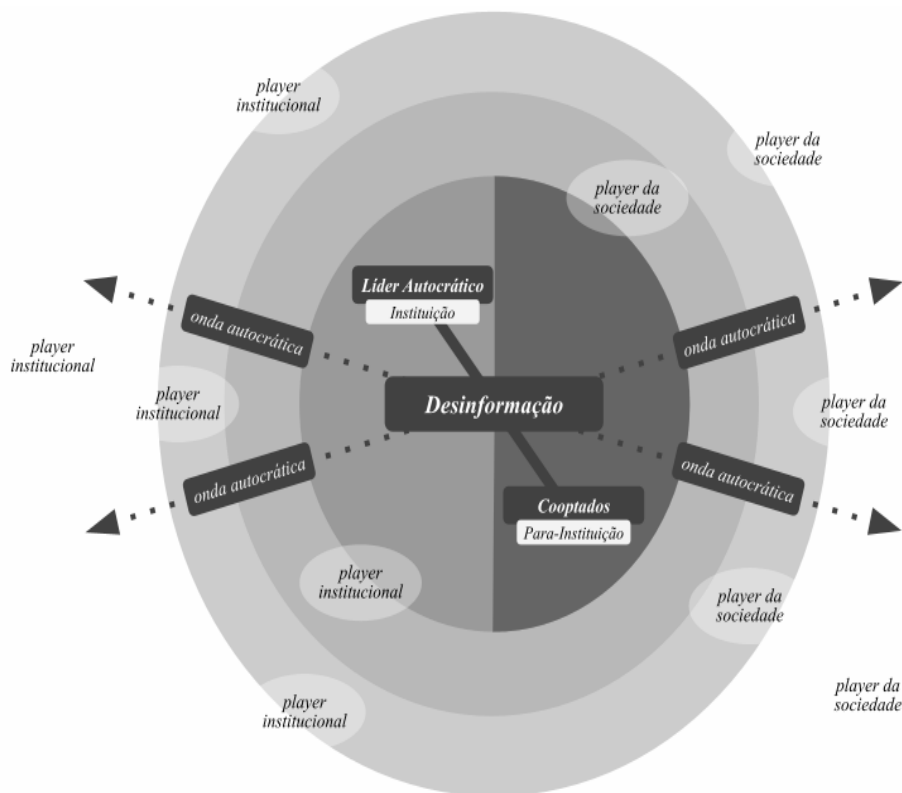


Figura 17 – Framework de “cooptação para-institucional”

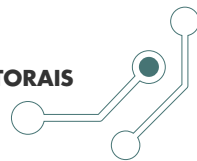


Fonte: elaboração própria (2024).

Em síntese, “cooptação para-institucional” é movimento reiterado praticado por um ator em posse de legitimidade institucional que a mobiliza para adquirir membros às câmaras de eco em seu entorno para avançar suas agendas.

Considerações finais

Este artigo se lançou à seguinte questão: quais as características e relações discursivas entre as manifestações do então presidente Bolsonaro e as principais críticas às urnas eletrônicas entre 2019 e 2022? Para respondê-la, foram mobilizadas discussões sobre ondas autocráticas e desinformação.



Assim, foram realizadas extrações de dados de todas as manifestações falsas de Bolsonaro ao longo do quadriênio, além de todos os *tweets* de Bolsonaro e das principais notícias falsas relacionadas às urnas eletrônicas no período. A partir de duas classificações, uma manual e outra via Iramuteq, foi possível identificar a consonância discursiva entre as manifestações do então presidente Bolsonaro e as críticas às urnas eletrônicas no período.

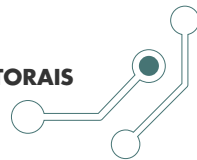
1) Por um lado, este artigo traz contribuições empíricas ao quantificar e qualificar tanto as críticas do então presidente Bolsonaro contra às urnas eletrônicas quanto as principais notícias falsas disseminadas no mesmo período.

1.a) Em síntese, Bolsonaro criticou as urnas eletrônicas ao menos 183 vezes entre 2019 e 2022, afirmando: (a) em 80 ocasiões, que as urnas eletrônicas seriam suscetíveis a fraudes; (b) em 57, que não seriam auditáveis sem o “voto impresso”; (c) em 22, que estariam desatualizadas e que apenas o Brasil as utilizaria; (d) em 22, que haveria um código-fonte secreto em que “poucos servidores do TSE”, em “sala secreta” e “escura”, decidiriam as eleições; e (e) em 2, que empresas privadas teriam custódia sobre elas.

1.b) No que diz respeito às principais notícias falsas, as urnas eletrônicas foram alvo de ao menos 270 peças de desinformação, sendo 173 críticas alegando fraudes, 58 acusações em relação ao “código-fonte”, 25 críticas sobre a auditabilidade das urnas, 10 afirmações falsas sobre empresas privadas e, por fim, 4 menções de que as urnas seriam desatualizadas.

1.c) Além disso, quando em 2021 Bolsonaro lançou crítica contra urnas eletrônicas, a quantidade de notícias falsas relatadas em circulação também teve pico considerável – mesmo fora do período eleitoral –, o que sugere que a mobilização abraçada pelo então presidente cooptou cidadãos em sua narrativa, em meio à crescente desinformação.

Nesse sentido, a discussão está diretamente relacionada à literatura de regimes autocráticos, em que Santos (2022, p. 8) sistematiza que “[a terceira onda autocrática] é iniciada por governantes eleitos e não por *outsiders*”, em movimento de “erosão democrática” (Lührmann; Lindberg, 2019).



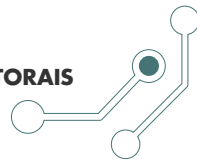
2) Por outro lado, aprofunda-se para duas contribuições teóricas, uma no campo de ondas autocráticas e outra no campo da desinformação.

2.a) Aponta-se que tal líder autocrático em posse do Estado não mobiliza, necessariamente, uma investida *ἀντί* (anti) institucional, mas sim *παρά* (para) institucional, uma vez que não apenas utiliza o aparato institucional para a propagação de desinformação, mas depende dele para o avanço da “erosão democrática” (Lührmann; Lindberg, 2019). Em síntese, aponta-se a “desinformação como instrumento de cooptação para-institucional”, com “câmaras de eco” que alimentam a expansão da onda autocrática.

2.b) Aponta-se para a desinformação enquanto instrumento de mobilizações autocráticas disseminada a partir da posse das instituições, relacionando essa discussão com apontamentos sobre “câmaras de eco” (Bessi *et al.*, 2016) e “informação enviesada” (Rastogi; Bansal, 2022, p. 6). Em outras palavras, o líder autocrático passa a construir uma mobilização em torno da desinformação, fazendo uso da sua legitimidade institucional, construindo uma comunidade e, em lógica de “cooptação para-institucional”, produzindo “ecos” em meio às (des)informações “enviesadas”.

No que diz respeito às limitações dessa pesquisa, foram observadas apenas notícias falsas checadas por agências. Ainda que estas legitimem-se por terem sido checadas, muitas que circulam ambientes abaixo do radar correm risco de ficarem de fora das agências. Assim, sugere-se que próximas investigações deem atenção para mapeamentos de redes, tal como extração por temas e *hashtags* em disputa.

Para futuras investigações, sugere-se observar a criminosa invasão que Brasília sofreu em 8 de janeiro de 2023, em que os três poderes foram vandalizados. Com o mote de “liberar o código-fonte” e “fraude nas urnas”, as críticas às urnas eletrônicas se materializaram em potencial tentativa de ruptura democrática, fazendo valer a narrativa reproduzida ao longo de quatro anos pelo então Presidente Bolsonaro e pelas principais notícias falsas, merecendo maiores estudos.



Por fim, esta produção espera contribuir empírica e teoricamente com o campo de discussão sobre regimes autocráticos e sobre desinformação, apontando potencial agenda de pesquisa que aprofunde relações entre tais temas.

Fomento

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo fomento por meio da Bolsa #130022/2022-5, a qual viabilizou este trabalho, e, também, ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) pela concessão da bolsa de pesquisa profissional (31172/MS/IBICT) ao primeiro autor deste artigo.

Referências

ABAD, Ana Carolina Ciattei. *Uma revisão de literatura sobre desinformação*. Disponível em: <http://pantheon.ufrj.br/handle/11422/11856>. Acesso em: 19 jan. 2023.

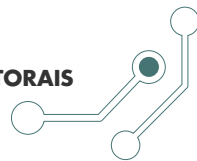
ALIZADA, Nazifa *et al.* Autocratization [turns viral: democracy report 2021. *V-Dem Institute*, [S.l.], 2021. Disponível em: https://www.v-dem.net/static/website/files/dr/dr_2021.pdf. Acesso em: 19 jan. 2023.

BAPTISTA, João Pedro; GRADIM, Anabela. Understanding fake news consumption: a review. *Social Sciences*, [S.l.], v. 9, n. 10, 2020. DOI: 10.3390/socsci9100185.

BARRETO JUNIOR, I. F.; VENTURI JUNIOR, G. Fake news em imagens: um esforço de compreensão da estratégia comunicacional exitosa na eleição presidencial brasileira de 2018. *Revista Debates*, v. 14, n. 1, p. 4-35, 2020. DOI: 10.22456/1982-5269.96220. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/96220>. Acesso em: 19 jan. 2023.

BESSI, Alessandro; ZOLLO, Fabiana; DEL VICARIO, Michela; PULIGA, Michelangelo; SCALA, Antonio; CALDARELLI, Guido; UZZI, Brian; QUATTROCIOCCI, Walter. Users Polarization on Facebook and YouTube. *PLOS ONE*, [S.l.], 2016. DOI: 10.1371/journal.pone.0159641.





BORTONE, E. de A. Frações do empresariado em campanha pró-Bolsonaro (2018). *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 60-83, 2020. DOI: 10.22456/1982-5269.96076. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/96076>. Acesso em: 19 jan. 2023.

BRYANOV, Kirill; VZIATYSHEVA, Victoria. Determinants of individuals' belief in fake news: a scoping review determinants of belief in fake news. *PLOS ONE*, [S.l.], v. 16, n. 6, 2021. DOI: 10.1371/journal.pone.0253717.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ. *LACCOS* [S.l.], 2013. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>. Acesso em: 19 jan. 2023.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, [S.l.], v. 21, n. 2, 2013. DOI: 10.9788/TP2013.2-16.

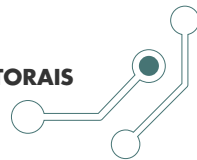
COPPEDGE, Michael *et al.* *V-Dem Dataset v11.1*. Rochester, NY, 2021. DOI: 10.2139/ssrn.3831905.

DAHL, Robert A. *Poliarquia: participação e oposição*. São Paulo: USP, 2005.

DAMSTRA, Alyt; BOOMGAARDEN, Hajo G.; BRODA, Elena; LINDGREN, Elina; STRÖMBÄCK, Jesper; TSFATI, Yariv; VLIAGENTHART, Rens. What does fake look like? *Journalism Studies*, [S.l.], v. 22, n. 14, 2021. DOI: 10.1080/1461670X.2021.1979423.

DI DOMENICO, Giandomenico; SIT, Jason; ISHIZAKA, Alessio; NUNAN, Daniel. Fake news, social media and marketing: A systematic review. *Journal of Business Research*, [S.l.], v. 124, p. 329-341, 2021. DOI: 10.1016/j.jbusres.2020.11.037.

DOURADO, Tatiana. *Processos de rumores e circulação de fake news: paralelos teóricos e o caso das eleições municipais de 2020 do Brasil*. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br:80/dspace/handle/10438/31694>. Acesso em: 19 jan. 2023.



FALLIS, Don. What is disinformation? *Library Trends*, [S.l.], v. 63, n. 3, p. 401-426, 2015. DOI: 10.1353/lib.2015.0014.

FELIX, Samara Leite. *Fake news acerca das urnas eletrônicas brasileiras: análise do site Fato ou Boato*. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/48003>. Acesso em: 19 jan. 2023.

FORSTER, Renê; CARVALHO, Rodrigo Monteiro De; FILGUEIRAS, Alberto; AVILA, Emanuelle. Fake News: O Que é, como se faz e por que funciona? *SciELO Preprints*, [S.l.], 2021. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.3294.

GERONIMO, Aderlon dos Santos; CERVERÓ, Aurora Cuevas; OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz De. Fake news no ambiente digital. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 295-313, 2022. DOI: 10.26512/rici.v15.n1.2022.42502.

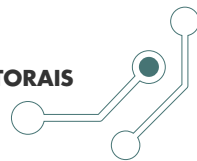
HUNTINGTON, Samuel P. *A terceira onda: a democratização no final do século XX*. São Paulo: Ática, 1994.

KAMI, Maria Terumi Maruyama; LAROCCA, Liliana Müller; CHAVES, Maria Marta Nolasco; LOWEN, Ingrid Margareth Voth; SOUZA, Viviam Mara Pereira De; GOTO, Dora Yoko Nozaki. Trabalho no consultório na rua: uso do software IRAMUTEQ no apoio à pesquisa qualitativa. *Escola Anna Nery*, [S.l.], v. 20, 2016. DOI: 10.5935/1414-8145.20160069.

LÜHRMANN, Anna; LINDBERG, Staffan I. A third wave of autocratization is here: what is new about it? *Democratization*, [S.l.], v. 26, n. 7, p. 1095-1113, 2019. DOI: 10.1080/13510347.2019.1582029.

LÜHRMANN, Anna; TANNENBERG, Marcus; LINDBERG, Staffan I. Regimes of the World (RoW): opening new avenues for the comparative study of political regimes. *Politics and Governance*, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 60-77, 2018. DOI: 10.17645/pag.v6i1.1214.

SCHAEFER, Bruno Marques; BARBOSA, Tiago Alexandre Leme; EPITÁCIO, Sara de Sousa; RESENDE, Roberta Cernelos. Qual o impacto do Whatsapp em eleições? Uma revisão sistemática (2010-2019). *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 58-88, set./dez. 2019. DOI:



10.22456/1982-5269.96255. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/96255>. Acesso em: 19 jan. 2023.

MENESES, João Paulo. Sobre a necessidade de conceptualizar o fenómeno das fake news. *Observatorio (OBS*)*, 2018. DOI: 10.15847/obsOBS12520181376.

MORAIS, J. A. de; VIEIRA COSTA, A. L.; BERNARDI, A. J. B. Populismo, polarização política e a pandemia do coronavírus: Donald Trump e a opinião pública nos Estados Unidos. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 126-149, 2020. DOI: 10.22456/1982-5269.109155. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/109155>. Acesso em: 19 jan. 2023.

NAN, Xiaoli; WANG, Yuan; THIER, Kathryn. Why do people believe health misinformation and who is at risk? *Social Science & Medicine*, [S.l.], v. 314, p. 115398, 2022. DOI: 10.1016/j.socscimed.2022.115398.

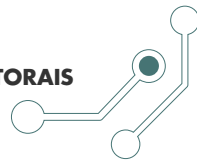
OLSON, Mancur. Autocracy, Democracy, and Prosperity. In: *Strategy and Choice*, org: ZECKHAUSER, Richard J., 1991.

RAMOS, Maurivan G.; LIMA, Valderéz M. R.; ROSA, Marcelo P. A. Contribuições do software IRAMUTEQ para a Análise Textual Discursiva. *CIAIQ2018*, [S.l.], v. 1, 2018. Disponível em: <https://www.proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2018/article/view/1676>. Acesso em: 19 jan. 2023.

RASTOGI, Shubhangi; BANSAL, Divya. A review on fake news detection 3T's: typology, time of detection, taxonomies. *International journal of information security*, [S.l.], p. 1-36, 2022. DOI: 10.1007/s10207-022-00625-3.

SANTOS, João. *A nova onde autocrática: uma análise teórica*. Observatório Político, 2022.

SOUZA, Marli Aparecida Rocha De; WALL, Marilene Loewen; THULER, Andrea Cristina de Moraes Chaves; LOWEN, Ingrid Margareth Voth; PERES, Aida Maris. O uso do software IRAMUTEQ na análise de dados em pesquisas qualitativas. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 52, 2018. DOI: 10.1590/S1980-220X2017015003353.



TANDOC, Edson C.; LIM, Zheng Wei; LING, Richard. Defining “Fake News”. *Digital Journalism*, Sidney, v. 6, n. 2, p. 137-153, 2018. DOI: 10.1080/21670811.2017.1360143.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. *Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making*. 2017. Disponível em: <https://edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html>. Acesso em: 19 jan. 2023.

ZATTAR, Marianna. Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, 2017. DOI: 10.18617/liinc.v13i2.4075.

Como citar este artigo:

SILVA, Ergon Cugler de Moraes; OLIVEIRA, Ana Gabrielle Neves de; ORTELLADO, Pablo. “Você confia nas urnas eletrônicas?”: Desinformação eleitoral como instrumento de Cooptação para-institucional. *Estudos Eleitorais*, Brasília, DF, v. 18, n. 2, p. 244-280, jul./dez. 2024.